

A SUTIL INTERFACE META HISTÓRIA E CRÍTICA SOCIAL: UM MERGULHO EM *DESMUNDO* E *O RETRATO DO REI*

THE SUBTLE INTERFACE META HISTORY AND SOCIAL CRITICISM: A DIVE IN *DESMUNDO* AND *O RETRATO DO REI*

Cristina Reis Maia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este trabalho visa discutir como a utilização da meta história pode implementar a crítica social, tendo como referência os romances *Desmundo* e *O retrato do rei* de Ana Miranda. Para tanto, buscamos analisar como, a partir das possibilidades instauradas entre a literatura e a história, este processo se operacionaliza. Neste contexto, focaremos como a construção das personagens e a relação estabelecida entre os textos e entretextos apresentados – repletos de intertextualidades, com percepção híbrida e de característica suplementar – contribuem para a constituição de parâmetros de crítica social. Sob esta perspectiva, tomaremos as referências conceituais de Linda Hutcheon (1991), Hayden White (2001), Robert Stam (2006) e Mikhail Bakhtin (2011).

Palavras-chave: Literatura; História; Construção de personagens; Crítica social

Abstract: This work aims to discuss how the use of meta history can implement social criticism, having as reference the novels *Desmundo* and *The portrait of the king* of Ana Miranda. Therefore, we seek to analyze how, from the possibilities established between literature and history, this process is operationalized. In this context, we will focus on how the construction of characters and the relationship established between texts and intertexts presented - full of intertextualities, with hybrid perception and additional characteristic - contribute to the constitution of parameters of social criticism. From this perspective, we will take the conceptual references of Linda Hutcheon (1991), Hayden White (2001), Robert Stam (2006) and Mikhail Bakhtin (2011).

Keywords: Literature; History; Character building; Social criticism

Introdução

A história e a literatura são instrumentos de socialização e expressão dos conhecimentos. Construídas pelo homem para uma melhor compreensão do mundo que o cerca, servem para estabelecer relações, efetuar trocas e expandir informações.

Enquanto história provém do grego e significa “**pesquisa**”, “**investigação**” (na busca por vestígios de fatos passados), literatura vem do latim e quer dizer “letra”, aquilo se que escreve, representando uma das manifestações artísticas do ser humano, ambas referindo-se a *narrativas*. Se as abordagens existentes no âmbito da literatura levam em conta a fruição do texto, a utilização da história neste contexto tem a pretensão de imprimir autenticidade aos fatos. Da mesma forma, enquanto a literatura ficcionaliza o cotidiano, a história estabelece (e institucionaliza) versões sobre este.

Útil na medida em que nos dá a base para construirmos sentido sobre nossa existência – entendendo o modo pelo qual circunstâncias atuais se conectam a ocorrências anteriores –, a história é construída por meio da narração dos acontecimentos e da tentativa de dar significado aos mesmos. Serve, assim, para nos situar no tempo, produzindo referências sobre as experiências acumuladas e proferindo perspectivas para o futuro. Por sua vez, a literatura parte da imitação artística do mundo físico, na qual o autor expressa livre e criativamente suas fantasias e sonhos e o leitor imerge nas elucubrações propostas.

Conquanto a literatura transite entre a *mimesis* e a *diegese*, reproduzindo ou encenando situações, a história passa a ser vista como a ciência que estuda o homem no tempo, problematizando-se o passado para se entender o presente (BLOCH, 2002). Essencialmente falando, tanto a história quanto a literatura são *linguagens* e compõem *narrativas*, portanto, são passíveis de parcialidade – partem da experiência coletiva, de diferentes subjetividades e pontos de vista particulares. O fato de existir diferentes versões sobre os acontecimentos, implica tanto na impossibilidade da história conseguir dar conta da veracidade destes quanto na literatura limitar-se à forma ficcional – uma vez que todo registro escrito é, *a priori*, uma manifestação literária.

Não sendo a história uma via de mão única, mas uma construção na qual os acontecimentos são *interpretados* em função das distintas percepções de poder que permeiam suas *narrativas*, a perspectiva da meta-história, permite clarear e desconstruir este processo. Para isso, importa entender a interação existente entre literatura e história e sua capacidade de cobrir e (re)organizar eventuais vácuos, preenchendo lacunas e interpretando contextos até então reportados como inquestionáveis. Ao trabalhar as possibilidades interpretativas inerentes à confluência entre a história e o seu registro literário, a meta-história amplia sua rede de atuação, abrangendo dialogismos (BAKHTIN, 2011) e intertextualidades (STAM, 2006), de modo a fornecer elementos para a elaboração de uma análise crítica (WHITE, 1991).

Sob essa ótica, estudar como as personagens são apresentadas implica também desvelar relações de poder, uma vez que na sua estruturação são

utilizadas apropriações da oralidade, de memórias, de artefatos e fragmentos contextuais, ou mesmo conteúdos apócrifos.

As lacunas e os novos sentidos

Desde tempos imemoriais, a literatura vem recolhendo matéria-prima para suas produções no leito da história. Constituídas a partir de narrativas, ambas possuem muito em comum; porém, é na relação dialógica estabelecida entre elas que florescem múltiplas possibilidades contextuais – a concepção criativa do autor esbarrando na descrição de acontecimentos oficialmente registrados, gerando críticas e reflexões sobre a realidade.

De fato, o encontro entre literatura e história enfatiza uma interminável permutação de textualidades, um processo no qual as palavras do autor sempre poderão se mesclar às palavras de outrem, tornando-se parte de um contexto maior. Esse processo, que permite que as indeterminações sejam completadas e se tornem verdadeiras quando lidas, outorga uma liberdade de (re)construção para a narrativa ao invés da obrigá-la a fidelizar o texto (e modelo) anterior. Esse cerzimento entre o real e o ficcional além de produzir o chamado "efeito do real" (RIZZO, 2009; CLARK, 2004), possibilita discutir temas relevantes. A esse processo convencionou-se denominar meta-história ou meta-ficção historiográfica (HUTCHEON, 1991).

Ao repensar e reelaborar o passado, a meta-história revisa conceitos subvertendo e desconstruindo o discurso tradicional (LOBO, 2011). Ainda que a sua escrita seja pautada pela pesquisa e segurança dos dados, ela não hesita em romper as estreitas regras da historiografia tradicional para complementar brechas deixadas por esta, mesmo se através de “passos imaginativos” (IGGERS, 1997). Traz, portanto, à tona, novos modos de pensar, pois embora paute-se em dados concretos minuciosamente sistematizados, questiona a história enquanto ciência objetiva, pondo em xeque sua (suposta) neutralidade.

Conquanto parta de relatos de um passado cronologicamente datado e oficialmente registrado (WHITE, 2001), a meta-história pode gerar “personagens de fantasia”, as quais também podem manifestar sentimentos e atribuições de outras épocas (ECO, 1985). Esta (re)criação sobre personagens historicamente determinadas visa tanto acrescentar verossimilhança e credibilidade à trama quanto produzir reflexões sobre os eventos descritos. Ao se constituir enquanto uma outra possibilidade de leitura dos fatos históricos, ela amplia as visões de mundo. E ao fazê-lo, pluraliza os discursos da história, reconhecendo a sua heterogeneidade e importância para a compreensão dos cenários nos quais se apresentam. De fato, o acesso a modo de pensar diversos, a outras vias que não as instituídas e o consequente aumento das possibilidades interpretativas oportunizam reflexões sobre a realidade.

Para melhor entendermos importância da meta-história, devemos considerar que a eleição de um tema específico não é um ato aleatório, mas um árduo trabalho de apreensão da realidade, composição de ideias e interpretação.

Compreende um envolvimento do autor com determinada temática, revelando sua percepção ante as situações apresentadas. É, assim, resultado de uma certa visão de mundo que designa o caminho (e a direção) a ser seguido pelo enredo.

Para além de proporcionar uma articulação viável e atrativa entre o histórico e o ficcional, a meta-história possibilita a problematização de eventos passados, trabalhando as lacunas deixadas pela falta de documentação histórica. Isto significa o emprego de uma certa dose de subjetividade e especulação – sem que o limite do verossímil seja ultrapassado. Os espaços obscuros são iluminados por uma boa dose de imaginação e relatos possíveis a coerência da narrativa (re)compondo com preciosismo os *gaps* entre o documentado e o não registrado, entre as assertivas oficiais e outras afirmações plausíveis. Isto é, dedica-se a um universo do possível, permitindo ao texto contar histórias, memórias da história ou tornar ficcional o que pode ser matéria de ficção – relatando com fidelidade fatos conhecidos ou incorporados pelo discurso da história.

Tornar prováveis personagens fictícias implica em fazê-las refletir aspectos da realidade, sem perder o foco sobre as condições que engendraram este ou aquele acontecimento. Para tanto, enfatizar pequenos gestos, ressaltando micro histórias e ações menos grandiosas, torna crível o especulativo, transformando em épico, o cotidiano (MAIA, 2015).

Entrelaçando realidade e ficção, a meta-história torna factível a reconstrução de personagens históricas exibindo versões possíveis a seus contextos específicos. Ela representa ainda uma tentativa de reflexão e questionamento das “verdades absolutas” e “verdades ensinadas”, estimulando a crítica à realidade apresentada.

Forjando personagens

Ao se reportarem a episódios da história do Brasil, tanto *Desmundo* quanto *O retrato do rei* produzem meta-ficções. Recriando o cotidiano de colonizados e colonizadores, têm suas personagens delineadas a partir de registros históricos documentados, porém, inteligíveis ao olhar contemporâneo – processo que torna mais fácil a assimilação e compreensão dos fatos retratados.

Os livros têm como foco as relações de poder no período colonial brasileiro e o papel desempenhado pelas mulheres. Através das protagonistas femininas, eles nos apresentam uma realidade atravessada por articulações políticas, não muito distante daquela que ora vivenciamos. Ao expor o processo colonizador e as perspectivas religiosas e repressoras, tanto *Desmundo* quanto *O retrato do rei* reportam questões sociais relevantes a partir da realidade feminina: a dominação dos índios; a discriminação entre classes e sexo; a repressão a distintas formas de religiosidade. Constituem, assim, referencial para importantes reflexões acerca de expressões de violência e conquista da independência feminina. Seguindo os parâmetros da meta-história, estes livros exibem um cabedal de fatos documentados que são devidamente “complementados” pela construção de um enredo ficcional. Isso é, embora sigam os relatos da história,

suas tramas abrem espaço para o verossímil, inspiradas pela apreensão da autora diante das possibilidades inerentes aos contextos em questão. Ficção e história são fundidas em um *patchwork* de versões e referências.

Essa liberdade maior é concedida pela capacidade de elaboração das personagens, forjadas a partir de uma miríade de conceitos e apreensões subjetivas que vão desde resquícios da personalidade do autor a influências diversas como inspiração de pessoas próximas, figuras históricas ou mesmo outras personagens literárias. Afinal, encontrando-se as personagens no limiar entre a reprodução do real e a imaginação, e considerando que a realidade nem sempre é o que parece – mas uma versão daquilo que se apresenta –, nada se perde.

Em *Desmundo* (MIRANDA, 2008) temos como argumento principal um documento oficial – uma carta do padre Manuel da Nóbrega ao rei de Portugal datada de 1552 solicitando o envio de mulheres ao Brasil. O objetivo, deixado claro desde o início, seria “moralizar” os costumes e “controlar” a população já existente (NÓBREGA, 1988) e as mulheres designadas para este fim seriam normalmente as pobres e rejeitadas. O excerto da missiva do Padre Manoel da Nóbrega significa não somente situar historicamente o romance, mas também estabelecer uma relação dialógica no enunciado narrativo.

É a partir deste marco documental que aspectos do Brasil colonial são descortinados, no relato de uma dessas jovens degredadas. Escrita em tom de um diário íntimo, as vivências, sentimentos e percepções da adolescente Oribela, constituem o cerne da obra.

Órfã, Oribela é trazida à colônia contra sua vontade, a fim de cumprir as funções política e civilizatória do povoamento. Ao expressar seus estranhamentos e dificuldades relacionais diante de uma realidade hostil a qual não entende – o *desmundo* –, ela torna-se porta-voz da interação cultural. É através dela que o leitor se aperceberá das diferenças, do intercâmbio de costumes, das relações de poder vigentes. Apesar de fictícia, essa personagem reporta a prática usuais à época – como degredo e uniões (sexuais) coercitivas –, representando assim, a história de muitas mulheres que eventualmente passaram (ou ainda passam) por circunstâncias semelhantes. Apresenta-nos, desse modo, um retrato de uma época em que o Estado estendia seus poderes ao gerenciamento de pobres e órfãos, mas, principalmente, abre a discussão para a condição das mulheres ao apresentar-nos as diferenças tipológicas que compõem este universo (JABOUR, 2006).

Nascida a partir da costura de uma variada gama de linguagens, Oribela transita pela diversidade idiomática e narrativa – alterna características de escrita convencional, oralidade e fluxo de pensamento com o uso de desenhos e expressões diversas (castelhanas, lusitanas e indígenas). Recontando sob seu ponto de vista a história da ocupação e colonização do Brasil, ela chama a atenção para a diversidade de entendimentos e concepções acerca da realidade na qual se encontra. Esta releitura permite uma liberdade maior no trato com questões esquecidas pela história tradicional.

Também é através de Oribela que se discute a complexa e ambígua posição do papel da mulher. Ela é a órfã padecente de violência doméstica, a leiga enclausurada atrás dos muros do convento, a mulher sem direitos deportada e

leiloadada em terra estranha, oprimida enquanto mulher em uma sociedade patriarcal. Entretanto, é também opressora: representa o colonizador português no exercício de seu domínio sobre os naturais da terra, a esposa de um fazendeiro e dono de escravos. Submetida, mas não submissa, ela é rebelde e inconformada. Por meio dela uma série de outros tipos que caracterizam o imaginário do universo feminino são introduzidos – sempre remetendo ao processo de discriminação sofrido pelas mulheres, seja por seus gostos sexuais, suas posturas, classe social e etnia (MAIA, 2015).

Fazendo uso de intertextualidades e sobreposições com personas reais documentadas pela história, o texto nos apresenta personagens que revelam desdobramentos do cotidiano. No primeiro caso, temos a figura da Velha – mulher mais experiente e culta, condenada à função religiosa e ao desterro devido aos amores proibidos – referência a Sórora Mariana Alcoforado, autora de *Cartas Portuguesas* (ALCOFORADO, 2008). No segundo caso, vemos a presença de D. Brites – esposa de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da capitania de Pernambuco, e que exerceu o governo desta por ocasião da morte do marido e do filho, sendo reconhecida como a “mãe dos pernambucanos” (ZORZO, 2014).

Nesta teia de inter-relações e referências, também as personagens masculinas ganham projeção para se falar de questões sociais, apresentadas de forma indireta à trama principal. Surgem em cena justamente para lançar luz sobre o obscuro lado da vida dos desbravadores e colonizadores, apontando as dificuldades existenciais enfrentadas por estes, expostas em seus aspectos mais crus. Encontram-se nesta categoria personagens que traçam o perfil da construção social do Brasil: aventureiros, degredados, religiosos, mouros, judeus e outros estrangeiros que para aqui vieram.

Dessa maneira, toda gama de relações sociais que atravessava o cotidiano colonial (o comércio entre colônia e metrópole, a condição feminina, o conceito de matrimônio, a religiosidade, o povoamento e a escravização dos nativos) passa a ser abordada. Mas o é através de personagens reconhecidas como *ex-cêntricas* – que orbitam à margem da sociedade.

Os discursos ex-cêntricos presentes em *Desmundo* são muitos. Há o discurso da mulher oprimida pela sociedade patriarcal. A mulher órfã, destinada ao casamento e à procriação, porém com desejos, com sonhos, mas constantemente reprimida. Essa mulher é representada por Oribela. Há também os ex-cêntricos indígenas, exterminados, escravizados pelo europeu que se autodenominou dono desse novo mundo. Há o próprio europeu animalizado em um mundo desconhecido, em um mundo hostil e bárbaro. Estes são os principais, todos retratados no romance e no filme. Porém, há ainda o discurso de uma mulher que se destacou no século XVI (ZORZO, 2014, p. 19).

Por fim, a história de *Desmundo* traz consigo uma importante referência literária: a história de *Iracema* e o mito fundacional do Ceará (e conseqüentemente, do Brasil). Os desfechos de *Iracema* e Oribela se sobrepõem, visto que ambas têm seus filhos, fruto de miscigenação entre raças, retirados de

seu convívio, levados para o seio de uma cultura “superior”, longe da influência que a figura materna transgressora poderia representar.

Por sua vez, *O retrato do rei* (MIRANDA, 2001) relata a Guerra dos Emboabas, conflito de natureza econômica e social desencadeado pela descoberta do ouro. Esta disputa pelos direitos à exploração aurífera confrontou paulistas (chamados “bandeirantes”, habitantes da Vila de São Paulo de Piratininga) e forasteiros (os não paulistas, a quem se alcunhou chamar “emboabas”). A palavra emboaba vem do tupi e significa “ave de pés emplumados”, uma alusão aos calçados utilizados pelos “forasteiros” que acorriam a Minas em busca de riquezas (AFONSO, 2006). Retratando a luta pelo ouro no Brasil, a obra aborda as articulações políticas que visavam assegurar o domínio sobre extração mineradora e o projeto expansionista do território colonial.

O fio condutor do enredo é uma pintura do rei de Portugal (FARIA, 2014) pela qual os grupos interessados se digladiavam. Trata-se de um “retrato de Corte”, um instrumento político cuja função seria a propaganda e a extensão do poder real (PIMENTEL, 2008). Essa capacidade do representado (re)significar-se através do signo (EAGLETON, 2003) tornava a posse da referida pintura vantajosa àquele que a possuísse, pois oficializava o aval do rei sobre a exploração de terras e riquezas conquistadas. Sob este argumento tem início uma acirrada disputa que expõe em transversalidade a condição feminina – aqui representada pela protagonista, D. Mariana de Lancastre.

Composta a partir de uma síntese de variados perfis femininos – de lendas e narrativas da historiografia portuguesa, recortadas e condensadas – esta personagem representa o declínio de um antigo regime alcançado pelos ventos da mudança que se acercavam. Entre as várias referências utilizadas para sua composição, talvez a que mais chame a atenção seja a figura histórica da Condessa da Calheta e Capitoa do Funchal, D. Mariana de Alencastre Vasconcelos e Câmara. Nobre por nascimento (era filha do Conde de Calheta) e por casamento (foi esposa de D. João Rodrigues de Vasconcelos), não se limitou ao papel imposto às mulheres de sua época e círculo social. Enfrentando diversas demandas judiciais, lutou para ser reconhecida na sucessão das terras da família diante da falta de descendência masculina, tendo ainda desempenhado importantes funções na Corte. Não só tornou-se capitoa do Funchal – primeira e única mulher à frente de uma capitania –, como participou ativamente do processo de restauração da soberania portuguesa, ajudando a combater os castelhanos, arregimentando armas e munição entre o povo, organizando a defesa de sua cidadela e daqueles sob sua jurisdição (CAMPELO, 2002; VERÍSSIMO, 2008).

Também Mariana vem a ser o nome da rainha consorte de Portugal, casada com o rei D. João V, à época da narrativa, recém ascendido ao trono – a efígie representada pelo retrato. Muitas das características destas Marianas são assimiladas e reconstituídas, ocasionando uma bem-sucedida interseção entre as diversas significações simbólicas. Sua personagem, contudo, desperta alguns questionamentos, afinal, como era:

a situação da mulher do início do século XVIII, como sobreviviam as que não tinham a proteção financeira e/ou familiar? Como sobreviviam em meio às minas de ouro e aos homens loucos pela sua posse - do ouro e da mulher? A desventura de Mariana deixa questionamentos no ar, afinal, as versões oficiais não estão preocupadas em investigar coisas como essas, mas em apresentar os fatos, aqueles que tiveram “real” importância para a História (...)” (SANTOS, 2011, p. 11).

Plurivalente, essa personagem interage com eventos perfeita e cronologicamente datados. Há em *O retrato o rei* uma grande riqueza de detalhes que correspondem a rigorosos registros históricos. Grande parte das personagens – como os irmãos Valentim e Hierônimo (Jerônimo) Pedrosa, Borba Gato, Bento do Amaral, Frei Francisco, Manuel Viana, Pedro Raposo e D. Fernando de Lancastre – é de figuras públicas devidamente documentadas nos anais de história do Brasil. Suas *performances* no enredo são pautadas em situações documentadas que se apresentam como substrato para as articulações da trama. E mesmo quando expostas às cores mais vivas da narrativa – como por exemplo, quando têm reproduzidas no texto palavras ditas como suas ou entram em interação com Mariana –, não perdem em historicidade.

Há também outras personagens baseadas em referências diversas. Periféricas, elas servem como elo de ligação entre o documental e as possibilidades imanentes, encadeando ações e movimentando o enredo. Neste rol temos o pai de Mariana, D. Afonso de Lancastre – herdeiro de nome e características de importantes personalidades homônimas na história de Portugal (CUNHA, 1990; SOUSA, 1948) –, além de sua suposta nova mulher no Brasil, Maria da Luz, livremente inspirada em Chica da Silva.

Todavia, é por meio de Mariana – que não aceita a condição que lhe é imposta e luta até o fim por uma saída –, que somos levados a uma pensar acerca de questões relativas ao papel desempenhado pelas mulheres no seio da sociedade. Assumindo características de mulheres que ajudaram a escrever a história, ela edifica uma ponte entre passado e presente, ajustando nosso olhar para reconhecer eventuais semelhanças com os dias atuais.

Texto, entretexto e crítica social

Partindo de uma preciosa contextualização histórica, *Desmundo* e *O retrato do rei* lançam um olhar crítico sobre praxes do passado, apontando para eventuais repetições no presente. Olhar este perpassado por subjetividade, atento às distintas concepções de mundo que (re)produzem diante de marcadores sócio culturais específicos, situações de dominação, violência e resistência, em especial, sobre o universo feminino.

Suas personagens são complexas e reveladoras de particularidades da conjuntura na qual se movimentam, a trama refletindo o retrato da sociedade brasileira. Sua narrativa lança luz sobre fatos e costumes do passado, trazendo-os

diante do olhar da modernidade, proporcionando uma melhor compreensão dos mesmos.

Reescrevendo o passado com a sensibilidade do presente, os enredos tentam dar visibilidade a algumas situações cotidianas relegadas a segundo plano em meio a outros conflitos da época. Dentro desta perspectiva, personagens históricas interagem com personagens viáveis (não necessariamente registradas pela história oficial) sem perderem a complexidade de suas relações e a sua inserção contextual. Na voz destas personagens, importantes questões sociais são reportadas, sinalizando a linha de permanência de situações recorrentes – o que as tornam interlocutoras de questionamentos. Representantes de estratos sociais distintos, Oribela e Mariana de Lancastre, exemplificam esta estratégia: multifacetadas e atemporais, retratam um cotidiano que vem se repetindo ao longo da história, induzindo-nos a refletir sobre ele.

Contemporizando e universalizando questões aparentemente banais a partir de elementos triviais – de temas ordinários e rotineiros, negligenciados diante de uma esfera política mais ampla –, as protagonistas femininas expõem micro histórias de grande relevância sociológica. A composição deste mosaico de narrativas atualiza e requalifica biografias abrindo espaço para pensar o *modus operandi* que reproduz suas histórias nos dias atuais.

Parte do impacto dessas narrativas deve-se às personagens: finamente estruturadas, delineadas a partir de registros históricos documentados e inseridas no painel vigente do recorte político escolhido, elas tecem uma teia discursiva que ultrapassa o simples relato casual para englobar uma miríade de substratos subjetivos. Servem, assim, como parâmetros para explicar a conjuntura da época – o contexto, as estruturas sociais e as possibilidades existenciais –, e como régua para medir semelhanças e discrepâncias entre passado e presente. Para além de apresentarem narrativas permeadas por elementos históricos, estas obras interpretam os fatos que consignam, interpelando-os e apontando tanto a historicidade das experiências quanto a sua ficcionalização, escapando do caráter “objetivo” que configura a credibilidade científica.

Esta experimentação permite que as experiências perceptivas interajam com os objetos factuais, fundindo-se enquanto re-presentação, de modo a expor ao leitor tanto seu conteúdo manifesto quanto seu conteúdo latente. Mostrando a face multifacetada da história, estes textos revelam tanto a contextura na qual ocorre a narrativa quanto os meios para repensar e reelaborar seus conteúdos, articulando significados apreendidos. Desprendidos das algemas do convencionalismo, desvencilhando-se das regras que impõem visões fechadas sobre as concepções de história e literatura. Em um sentido mais amplo, estas obras incorporam o visível e o invisível, o dito e não dito, constituindo *entrelinhas* que permitem a aproximação entre o tema aparente e o implícito. Apesar do enredo manifesto, as implicações contidas nas informações fornecidas (não explícitas) em sua trama potencializam uma outra leitura, tornando o primeiro secundário à segunda, fazendo-se necessária a desconstrução do óbvio. O contexto é transformado em texto e este, reprocessado, suplementa-o (SANTIAGO, 1976). Por conseguinte, quando voltamos para eles não

usufruímos somente de seu caráter deleitoso, mas de suas possibilidades à prospecção e reflexão.

Este processo de elaboração propicia a introdução de discussões mais sérias em cima de uma leitura de entretenimento, forjando narrativas a partir de intertextos. Assim, podemos ver em *Desmundo* e em *O retrato do rei* críticas acerca da reificação humana (de mulheres, índios e escravos), da violência como exercício de poder, das manobras políticas para a conquista de territórios, da implantação da lei do mais forte... Mas observamos também as resistências, as inconformidades com o sistema, os questionamentos e as alternativas produzidas. Todos os contrapontos feitos para se refletir sobre os fatos narrados em uma (não tão) sutil comparação à realidade presente.

Considerações finais

Reportando diversos planos e apreensões da realidade, *Desmundo* e *O retrato do rei* unem a escrita documentada à ficcional. Fazendo uso de fontes diversas (como desenhos, cartas ou pinturas), estas obras resultam de extenso estudo bibliográfico e apropriação intertextual de fontes primárias – uma carta, uma pintura, antigos relatos e registros. Seu teor documental foca sobre fatos e condições do passado que reverberam ainda hoje – circunstâncias estas que constituem pano de fundo para o fluxo da trama. (Re)contando determinados acontecimentos sob uma percepção crítica, configuram o fluxo narrativo às trajetórias das personagens femininas centrais, as quais levantam a bandeira de importantes questões estruturais.

Suas personagens são construções híbridas e ambíguas, apresentando interface com várias áreas, artes e/ou suportes. Sob esse aspecto, elas nos propiciam novas formas de representar o mundo, abrindo-se a convergências e transposições com outras realidades. Essa polifonia de vozes e referências constitui uma das tendências mais marcantes destas obras – o espectro da intertextualidade –, pontuando a conjunção adequada entre veracidade e razoabilidade. Ao transformarem seus textos em fontes de denúncias e metáforas da atualidade elas subvertem as convenções estabelecidas, repensando o processo narrativo enquanto produto da criação humana, composto por diferentes subjetividades e interpretações. E como em toda leitura, a pertinência da interpretação dependerá do contexto histórico-social, dos paradigmas vigentes e das demandas sociais que, como em um palimpsesto, porventura se sobreponham, caberá ao leitor a interpretação final.

Ao mesclarem em sua composição aspectos ficcionais e de domínio público, suas personagens promovem releituras e reescrituras do contexto em que se relacionam, proporcionando reflexões sobre o cotidiano. Mais do que um simples relato da história, essa elaboração discursiva engloba uma miríade de substratos subjetivos, interdisciplinares e suplementares que urdem novos sentidos e percepções. Assim concebida, a revisitação do passado abre espaço

para se pensar o presente – expandindo os horizontes, ampliando as visões de mundo e buscando interpretar contextos instituídos – e questionar o indiscutível.

Referências

AFONSO, Eduardo José. *A guerra dos emboabas*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2006.

ALCOFORADO, Mariana (Sóror). *Cartas Portuguesas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BLOCH, Marc. *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

CAMPELO, Álvaro. *Lendas do Vale do Minho*. Valença, Associação de Municípios do Vale do Minho, 2002, p.101-103. Disponível em: www.lendarium.org. Narratives tagged with "portugueses". Acesso em: 20/06/2018.

CLARK, Elizabeth A. *History, Theory, Text: Histories and the Linguistic Turn*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

CUNHA, Mafalda Soares da. *Linhagem, Parentesco e Poder*. A Casa de Bragança (1384-1483). Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1990.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura*. Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

FARIA, Breno Marques Ribeiro de. As primeiras imagens do rei. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, nº22, jul/set 2014, artigo 03.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. História, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IGGERS, Georg G. *Historiography in the Twentieth Century*. From scientific objectivity to the postmodern challenge. Hanover NH. USA: University Press of New England, 1997.

JABOUR, Luciana Ragone. *(Re) Contando a história*. Ficção e história no Desmundo de Ana Miranda. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2006.

LOBO, Luiza. O romance de história das mentalidades e as Terras proibidas. In: *Revista da Academia Brasileira de Filologia*. [S.L], v. 9, pp. 148-156, 2011.

MAIA, Cristina Reis. A construção das personagens: diálogos interdisciplinares entre literatura e história em uma análise de *Desmundo* e *O retrato do rei*. In: OLIVEIRA, Paulo César S. (org.). *VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS*. Realismos: novo realismo, neo-realismo, realismo oitocentista. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores (FFP)/ UERJ, 2015. Disponível em: <https://literaturaufalarapiraca.files.wordpress.com/2017/08/livro-completo-vi-sel-2015-final.pdf>

MIRANDA, Ana. *O Retrato do Rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. 1549-1560. Belo Horizonte: Ed.Itatiaia, 1988.

PIMENTEL, António Filipe. Os pintores de D. João V e a invenção do retrato de corte. In: *Revista de História da Arte*, Campinas, nº5, 2008, pp. 132-151.

RIZZO, Marcelo Augusto Parrillo. *A História da meta-história*. Um estudo sobre a teoria da história de Hayden White. Dissertação (Mestrado em História) da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, 2009. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/diss.pdf>. Acesso em 05/06/2018.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

SANTOS, Mônica Naiara Pereira da Silva. Manchas contemporâneas: o processo de reconstrução literária da identidade feminina em *O retrato do rei*. In: *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

SOUSA, António Caetano de. *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. tomo V, nova edição revista por M. Lopes de Almeida e César Pegado. Coimbra: Atlântida Livraria Editora, 1948.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In: *Revista Ilha do Desterro*. Florianópolis, nº 51, p. 19-53, jul/dez 2006.

VERÍSSIMO, Nelson. *O Funchal em cinco actos*. O século XVII. Disponível em: <https://passosnacalcada.wordpress.com/.../o-funchal-em-5-actos-o-sec-xv>. 01 de jun de 2008. Acesso em: 20/06/2018.

WHITE, Hayden. *Teoria literária e escrita da história*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1991, vol. 7, n. 13, pp. 21-48.

------. *Trópicos do discurso*. Ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ZORZO, Solange Salette Toccolini. *Desmundo*: retratos e fotogramas metaficcionalis. As relações dialógicas entre o romance de Ana Miranda e o filme de Alain Fresnot. Dissertação (Mestrado em Literatura e Práticas Sociais) do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília, 2014. Disponível em: repositorio.unb.br/bitstream/.../1/2014_SolangeSaletteTocoliniZorzo.pdf. Acesso em: 12/08/2018.

Cristina Reis Maia
CRMaia.67@gmail.com

Recebido em: 10 set. 2018

Aceito em: 10 dez. 2018

Publicado em: 29 dez. 2018